
“A DENEGAÇÃO”
(Freud – Hippolite – Lacan)
(*Uma leitura clínica*)

Alduisio M. de Souza

Die Bejahung – als Ersatz der Vereinigung – gehört dem Eros an, die Verneinung – Nachfolge der Ausstossung – dem Destruktionstrieb./ A afirmação – equivalente da união – é trabalho de Eros, e a denegação – sucessora da expulsão – é trabalho da pulsão destrutiva. (Sigmund Freud. Gesammelte Werke. S. Fisher Verlag, XIV, p.15).

A cada dia que passa penso ser mais importante o trabalho com este fenomenal texto que é *A Denegação* na obra de Freud. Temos de estar atentos a cada frase, a cada palavra e mesmo a cada fonema para que possamos criticá-lo, esmiuçá-lo, para reconhecer a luz clínica que nos foi aí legada por Freud, redescoberta por Lacan e percorrida em suas veredas e equívocos por Jean Hippolite. Sendo um texto de 1925, pós segunda tópica, permite uma releitura de outros textos de Freud, já que o que trata a *Negação* <> *Denegação* é de um pressuposto do sujeito, sincrônico ao recalque e que funda a cisão do *existente* e do *ex-sistente* aberta pelo cogito cartesiano. A (de)*negação* é a abertura para a *outra cena* do inconsciente, situando uma tópica do sujeito como *ex-sistente*, que é falado ao *eu* que fala pelo enunciado. Isso nos permite uma redescoberta clínica da psicanálise. O texto trabalha como *organismo* vivo. Essa citação acima, dentre outras, exemplifica o que estou dizendo, pois foi a grande megera do entendimento da função da *Denegação*, razão para a confusão entre o *Ersatz*, que é o *equivalente* da *união*, concernente à *atribuição primária* – *Die Behajung* – e a *denegação*, como *sucessora* – *Nachfolge* – da expulsão – *Ausstossung* –, o que foi entendido também como *equivalente* quando Lacan e Hippolite a ela se referiram. [Para nossa língua, apesar da péssima tradução, essa frase está correta]. Criou-se então um paradoxo: se a *atribuição primária* (*Bejahung*) é equivalente da *união* como poderia ser também *equivalente da expulsão*? Mas creio que a verdadeira questão é: *será que se trata de expulsão*? O que é o fora? Será que, ao se considerar que a fundação do sujeito se dá pelo que é expulso, isso justificaria a distinção do *NÃO* como simples negativa e a *DENEGAÇÃO*, que seria um *NÃO*, como uma afirmação que apresenta o *ser* sob a forma do *não-ser*?

Então:

A afirmação como equivalente da união é trabalho de Eros, a denegação como sucessora da expulsão é trabalho da pulsão destrutiva. (S.F

Vejamos nossa leitura: no princípio estava o indeterminado gerido por necessidade de suprir a carência vital da prematuração. Freud, à maneira do mito da Teogonia, postula um *Eros mítico originário*, cujo trabalho seria de união que no limite poderia conduzir a *um* todo indiferenciado. Por esse primado da *conjunção*, haveria um *todo* de necessidades no qual o sujeito estaria *adito*

ao *Outro por aderência*, ou seja, por uma relação que é dada por pontos de um que são comuns aos de um outro; para a cria, o *desamparo*; para o outro, o *luto de uma perda*. Percebamos os pontos em comum. Mas aí a própria existência surge do fracasso unificante de *Eros* ao ser contrariado com a presença de um traço *heterogêneo*.

Haveria aí um trabalho de *suspensão* quando de um acidente da inscrição, pronunciada pela lida com o espaço e o tempo então descontínuos, ou seja, pela sua *não ocorrência* ou *efetivação*, pela descontinuidade que abre o campo do *possível* para o sujeito pelo que *cessa de se escrever* do evento em si. Pela ausência de complemento perfeito – *homogêneo* – haverá obstáculo ou contrariedade a essa união. Aí temos um primeiro par agido: *um e outro* que se confundem, sem serem idênticos. Não há conceito nem de *um* nem de *outro*. A *subtração* do sujeito, necessária à sua existência, só se dará na medida em que não possa mais ser parte do indiferenciado a que chamamos de *Outro Real*. O *fora* aí é um dado *que já lá está* e que é posto a partir do momento em que *a cria humana vem à luz*. Sua existência está ali, independente de uma ação de *expulsão*, mas depende sim muito mais de uma *rejeição da parte do sujeito, que recusa de forma agida a que haja complementaridade perfeita*, digamos que ele se *subtraía do Outro*. O próprio sujeito será o *fora*, que é então escrito como – 1, ao *Outro Real*, efetivado pelo corpo da Mãe, aí matriz da gestação e responsável pela vida. Há uma constante confusão entre *noema* e *noese* tanto no texto original quanto na leitura feita por Lacan e Hippolite, já que o par *fora ↔ dentro*, que é postulado, é propriamente a condição da *pensabilidade* do processo.

O que Freud estaria chamando aí de *pulsão destrutiva – Destruktionstrieb* – é a recusa pela negação agida, que é então sucessora *dessa subtração*, ou seja, é simplesmente uma forma *conotativa agida do corte de fundação do sujeito. Esse corte, ou recusa, é solução de continuidade do “fora” que busca se fazer “dentro”; uma mãe pergunta à outra: - O bebê já está aceitando o peito?* Há um peito que se impõe, que, por um lado, é necessário à vida e, por outro, será condição da libido do corpo, que irá diferir a perda do objeto que assim se faz paradoxal. Podemos ler a reiteração desse processo, dentre outros, quando um filho dá seus primeiros passos sem a ajuda ansiosa da Mãe e essa chora de emoção. Poderia denotar que pode estar feliz, mas na verdade podemos ler que aí se inicia um novo luto de uma separação reiterada. Mais uma perda que se fará falta.

Aí temos a gênese do que poderíamos chamar de *pulsionalização* do corpo, que estabelece a diferenciação necessária a sua individuação como susceptível de estar diante de uma demanda do Outro. A própria existência aí se torna disjuntiva pela via da *conotação*, quando passa de uma *aceitação (passiva) a uma rejeição (ativa)*. Isso nos indica o momento de produção do *traço agido* precursor do sujeito que, ao se articular, se fará significativo. A *negação* virá ocupar a função de ser a *sucessora desse momento de não aceitação passiva, do “fora” representado pelo corpo da Mãe, que, por suprir necessidades, poderá sobrepor-se ao sujeito, afogando-o em seu mar revolto de carência pela perda de seu complemento. Há uma reação, o que não é propriamente uma expulsão, pois não haveria ainda um “dentro” do sujeito. É o princípio de que a morte gera a vida*. A existência do sujeito só se dará pelo significativo que lhe assegura uma consistência e constitui a *morte da coisa*. É o pressuposto da linguagem, isto é, do *nó com o simbólico e o imaginário*.

Mesmo o *seio*, precursor do *objeto*, só existe por sua ausência, já que a satisfação, sendo alucinatória, faz com que *ele não seja nem um dentro nem um fora*. A *destruição*, postulada por Freud como trabalho da *pulsão destrutiva* que está em causa, é a interrupção do fluxo como se o

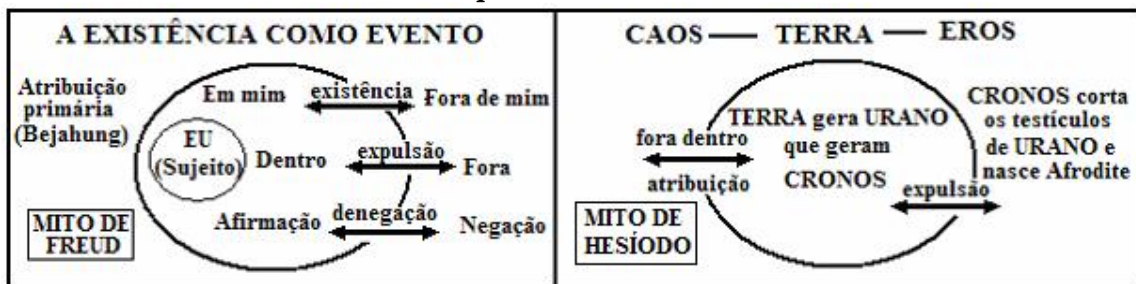
mesmo fosse natural com elementos naturais. A sua desnaturação será essencial e então surge o *Mas... isso não*. Esse corte faz possível o *humano* e criará o par *possível-impossível*, ou seja, o que *cessa de se escrever* e o que *não cessa de não se escrever* por recusa agida no que é a relação do ser com o sujeito. O que aí é o fora, antecedente, não é ainda categorizado como o real nem como outro, já que não há alteridade, mas é condição para a linguagem. É trabalho do suposto par *fora dentro de um grande mito de origem* gerando o que é *necessário* e o que é *contingente* para a existência do sujeito, ou seja, o *que não cessa de se escrever* e o *que cessa de não se escrever*.

Essa *destruição*, postulada por Freud, será então uma *negação derivada da rejeição agida então sucessora do corte primário*. É um *ato* que, por ser conotativo, é já um *ato inteligente* representando o nascimento mesmo do intelecto, não mais como uma reação *perceptiva sensorial*. Esse ato é ao mesmo tempo o esboço de construção do *outro*, do *um* e da *alteridade*. Ele é sincrônico, parceiro do *RECALQUE*, que já é escolha, pois *conciliatório de um conflito*, mas o recalçado não é destruído e na verdade ele só é postulado como existente pelo seu retomo. O que virá seguir serão procedimentos diferenciadores, como a *FORCLUSÃO* e a *RENEGAÇÃO* que expressam a discordância entre o *que é necessário e o que é contingente* para o devir do sujeito que terá como base a ruptura entre o que é de ordem denotativa e conotativa dos elementos em jogo na existência do sujeito. Ou seja, a produção de efeitos propriamente metafóricos. A simples substituição não funda a metáfora, o que é comprovado com a perversão.

A *FORCLUSÃO* é uma *recusa radical, é um querer nada saber*. A *RENEGAÇÃO* é ao mesmo tempo um *desmentido*, um *desconhecimento*, mas não uma *eliminação*, podendo então gerar ocasionalmente um pânico pela *ameaça de invasão* e uma *atração*, apego, adoração com o *fetice*, como suporte seguro de *ter algo*. Podemos perceber aqui quanto estão próximas de um dado empírico da *depressão pós-parto* e do *consolo do fetice*. É uma situação homóloga.

Jean Hippolite nos fala de um *grande mito do fora dentro*, que pode ser lido no esquema abaixo, onde podemos ler a estrutura do *mito de origem freudiana* e do *mito de origem teogônica*.

Comparemos os mitos :



Recapitulemos: considerando o evento da existência humana como o de uma abertura para o possível fluir – *o que cessa de não se escrever* –, observa-se que há traços sem nenhuma determinação discernível, a não ser a da presença da linguagem então possível de ser escrita, ou seja, o simbólico que os precede. Podemos supor que do ritmo *natural* de um corpo, ao topar com um obstáculo, qualquer que seja ele, este se escreve como um *NÃO* no devir virtual de um

sujeito particular, em seu desamparo inicial. Ele tenta, mas... *no meio do caminho tinha uma pedra...*

No meio do caminho tinha uma pedra / Tinha uma pedra no meio do caminho / Tinha uma pedra / No meio do caminho tinha uma pedra / Nunca me esquecerei desse acontecimento / Na vida de minhas retinas cansadas / Nunca me esquecerei de que no meio do caminho tinha uma pedra... /... Tinha uma pedra no meio do caminho. (Drummond.)

Para situar esse construto, basta lembrar-nos de que a cria passa de um contínuo na interioridade do corpo da Mãe a um descontínuo do meio ao qual vem à luz. Pensemos então em algo como um pequeno choque térmico, a temperatura, por exemplo, ou em algo que pressione a superfície do corpo criando um movimento. Podemos imaginar que a sensibilização para uma reação depende do que chega até esse corpo e que será originariamente inusitado diante de sua *espontânea placidez por prematuração*, como se até então ele ali estivesse num *deixar-se-fluir* como a água de um rio que corre sempre em direção ao mar, mas... *para estudar geografia*.

Miticamente, mas não menos existente, já que não podemos situá-la dentro de uma lógica do tempo e do espaço, consideremos um momento inaugural: a fundação da existência desse corpo que, por um certo movimento, de retração, por exemplo, reagindo a um estímulo [como o *tapinha do pediatra no bumbum do recém nascido*], percebe-o como *exterior* e que, por esse mesmo movimento, se determina como um *interior*. É uma alegoria simples do grande mito freudiano – *fora ↔ dentro* – que Freud constrói com a *NEGAÇÃO*. Façamos uma substituição por uma simples predicação, cujo movimento, sendo resposta [retração, susto, grito ou choro], contém o esboço de um julgamento no qual podemos supor um duplo pólo: *placidez ↔ incômodo* que será então predicado como *prazer ↔ desprazer* e, se quisermos simplificar, podemos mesmo reduzi-lo à saciedade ou repleção. Mas... temos de já preservar a possibilidade da voz pulsional: *ativa, passiva e reflexiva*.

Podemos já perceber que a retração inaugural *DENOTA UM NÃO AGIDO* e poderá *CONOTAR UMA DENEGAÇÃO*, já que a cria humana, para além da necessidade, sensibiliza seus buracos e transforma o *que lhe é necessário* em *o que pode ser satisfatório, já que apaziguador, e que será a condição da circulação pulsional*. Estamos predicando outra qualidade, que se deduz do simples predicado anterior que agregamos. Desse modo, podemos pensar que esse instante primário inaugural cria uma representação agida no corpo e que se tornará parte do sujeito na possibilidade de uma repetição que em si mesma exige a criação do símbolo da *NEGAÇÃO*, o qual virá a ser na prática de uma língua o *ADVÉRBIO NÃO*, cujo processo é ele mesmo o nascimento da inteligência.

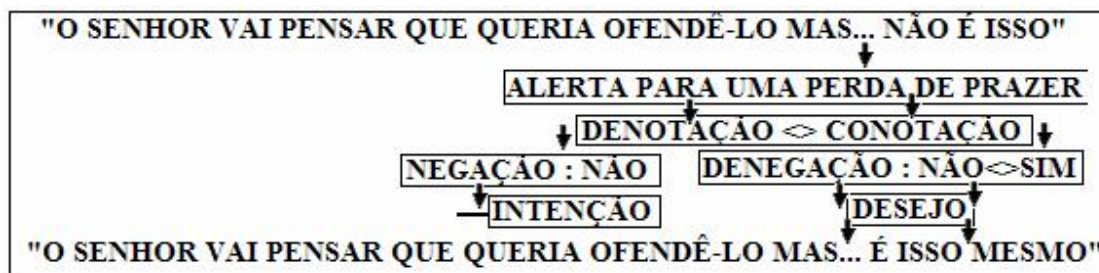
A partir de então, temos condição de identificar um elemento diferencial que pressupõe um primeiro julgamento de atribuição por ter sido a ele predicado uma qualidade, *prazer ↔ desprazer*. A repetição então traduzirá logicamente a busca que consiste em situar na realidade nascente da representação a apropriação daquilo que fora acolhido, ou seja, introjetado como *prazeroso*, sendo então suportado pela primeira consideração de Freud a respeito do *eu*, o que ele chamou de *Eu-prazer*. Essa busca de se assegurar daquilo que é tido como prazer é o que criará a consistência como precursora do *Imaginário*. Posteriormente, o *eu* buscará o aval do *Outro*, precursor do *Simbólico*, que precedia sem ser efetivo, pois dependia de sua apropriação pelo

sujeito. E restará o que não é susceptível de aí estar presente, um não simbolizável, que será o *Real*, podendo ser categorizado não mais somente como um fora.

A **DENEGACÃO** surge então cindindo *o afeto do intelecto nascente*, podendo então suportar uma representação, desde que possa lhe ser recusado um atributo exclusivo – *como um é assim* –, podendo ser dito pela expressão condicional inconclusa de: **APESAR DE..., MAS SE..., SENÃO O...** Mesmo que a representação nascente seja insuportável em sua **DENOTAÇÃO**, o sujeito buscará preservá-la por uma **CONOTAÇÃO**. Louvemos a *Vico* que nos advertiu que *o humano é na sua origem poesia*. Temos aí então a *virtude astuciosa* – a *Métis* – de instalação do *gênio de uma língua, no seu fazer pela conotação, sendo outra, metaforizante, ou seja, construindo a condicionalidade e distinção do que virá a ser o manifesto e o latente*.

A **DENEGACÃO** então seria uma **SEGUNDA NEGAÇÃO** para a qual Hippolite usa uma categoria hegeliana, **AUFHEBUNG**, para defini-la e que é na verdade um **NÃO denotativo** e um **NÃO conotativo**, mecanismo precursor das modalidades. Para que isso possa efetivamente ter lugar, deverá ser negado o caráter **DENOTATIVO** do que chega até o sujeito (*o leite que é leite, ou seja, alimento*) abrindo a possibilidade do equívoco pela **CONOTAÇÃO** (*o leite que é amor*), podendo então ser, significar, evocar outra coisa. O que temos então é na verdade uma **NEGAÇÃO** do **DENOTATIVO**, do **NÃO** que foi escrito, liberando-o para **CONOTAR** outra coisa que um simples efeito de uma negação.

Teremos então assim um **NÃO** que nega e um **NÃO** que pode ser uma **AFIRMAÇÃO**, como acontece com o chamado *não expletivo*, no contexto do sujeito de uma frase. Vamos esquematizar o que propomos; tomemos a frase da **Denegação**:



O senhor vai pensar que queria ofendê-lo, mas... [aqui é o momento de escansão, de reticência, quando o que está sendo dito é invadido pelas condições da enunciação e é então negado] *não é isso!*

Essa frase exige uma leitura particular, pois é cifrada, contendo o advérbio **NÃO** como função denotativa e o **NÃO** conotativo como recusa pelo afeto de uma perda possível de prazer. Ela então será retomada e considerada pela interpretação como: *O senhor vai pensar que queria ofendê-lo, mas... é isso mesmo!* Na primeira frase o **NÃO** é um advérbio de **NEGAÇÃO**, denotativo, e na segunda ele fica suposto, e, pela **CONOTAÇÃO** que o interpreta, será uma **DENEGACÃO**, que é uma **AFIRMAÇÃO** potencializada; uma apresentação sob a forma do **NÃO SER**. Ou seja, poderíamos tornar a negação presente pela simples interrogação: **NÃO SERIA ISSO MESMO?**

(...) o reconhecimento do inconsciente pelo sujeito se exprime sob a forma negativa, (...) a realização da função de julgamento de existência apenas se torna possível com a criação do símbolo da negação. (S.F.)

Mas, em outro momento de sua obra, quando justamente ele vai operacionalizar clinicamente isto, *A divisão do eu no processo de defesa*, de 1938, Freud nos apresenta um achado clínico: um caso de *fobia e fetiche* simultâneos, que fica nebuloso, já que é um texto inacabado e só editado postumamente. Deduzimos então uma montagem que é a seguinte:

: ← ADVÉRBIO NÃO → :		
NEGAÇÃO DENOTATIVA	NEGAÇÃO CONOTATIVA	
Julgamento de atribuição	Julgamento de existência	
RECALQUE – FORCLUSÃO – RENEGACÃO		
RETORNO DO RECALCADO	REAPARECE NO REAL	FETICHE OU OBJETO FÓBICO

Já que o *NÃO* contém um *não denotativo* e um *não conotativo* articulado num mesmo vocábulo, mas com funções diferentes, temos então que o advérbio aí será *um significante*, não idêntico a si mesmo, que oscila entre: 1. uma *negação* com uma significação literal como uma *rejeição*; 2. uma *denegação*, que opera como um *desconhecimento* do desejo inconsciente pela perda de prazer possível; 3. uma *renegação* pela *cisão ocorrida entre o afeto e o intelecto*, funcionando como um *desmentido* do que é reconhecido mas negado por ser considerado como insuportável. Esse *NÃO* supõe então uma parceria com o *recalque* como condição normativa, sendo para o sujeito, dentre outros aspectos, *precursor de uma sutileza que nos permite diferenciar o objeto de recusa, mesmo de repúdio, gerador dentre outros, no seu limite, do pânico fóbico, e o objeto buscado, querido, gerador dentre outros também no seu limite de um apego incontável para um gozo paradoxal com o fetiche, como se fosse possível deter uma ponta do Real que lhe assegurasse um domínio sobre o gozo*. É daí que, a meu ver, poderá ser deduzida toda a estrutura da subjetividade.

São questões que Freud deixara em aberto com o pequeno Hans, citado no artigo em questão; ele afirma aí que *o objeto da fobia teria outrora sido de um intenso prazer*, possivelmente um *fetiche*. O que Freud esboça como *divisão do eu*, em 1938, como se fosse uma revolução em sua descoberta, é: *(...) como algo inteiramente novo e enigmático* se perde. A impressão que temos ao ler tal artigo, cheio de equívocos, é que Freud pensou e não escreveu uma série de questões. O espanto e a surpresa que ele manifesta ao iniciar o texto não se confirma, a não ser que ousemos interpretá-lo. Lacan não se refere às “vias perversas do desejo”, mas as aborda, no seminário *A relação de objeto*, mesmo não as tendo abordado tal qual estou lhes expondo; criou conceitos que nos permitem deduzir uma nova abordagem.

Com a elaboração da noção de *SINTHOME – mas... isso não* – como *necessário*, Lacan o situa na ordem conceitual de elaboração como sucedâneo do *Nome-do-Pai*, que por sua vez é *contingente*, como quarta consistência do nó borromeano. *Temos aí uma mudança radical: o*

que era contingente até 1973/74 na elaboração de Lacan, já em 1975, no *R.S.I.*, *passará então a ser necessário*. Ou seja, se o *SINTHOME* surge como um sucedâneo, no entanto, ele *é condição*, um antecedente que se escreverá *a posteriori* numa lida com o tempo tal como Freud enunciou já em 1895 em *O Projeto*, no já batido *caso Emma*, e, por isso mesmo, será da ordem da *invenção necessária*. Assim, o que ele postula é a existência de um *nó primário* e *inaugural*, apesar de que só o encontramos ou o enodamos *a posteriori* e sobretudo *num final de análise* quando o sujeito se reduz a uma identificação que *é o limite de sua humanidade*. Temos assim uma alegoria que poderá ser expressa na circularidade imaginária do sistema de Vico, *dos deuses, dos heróis, dos homens e o ricorso*, com o renascimento do fluir *riverrun-riverrun, nonada-nonada*, uma alegoria do que, do ponto de vista topológico, é a dupla volta da cinta de Moëbius para que se chegue a seu ponto de origem. Não se trata de retorno, estou dizendo, *chegar ao ponto de origem na dialogia do sujeito*. Se mantivermos a noção de eterno retorno, teremos de falar em categorias de sadismo e masoquismo, que conotam aspectos patéticos e morais. Com o conceito de *gozo pelo automatismo de repetição* temos como falar, de maneira formal, pela lógica da insistência da cadeia significante. É através de seus elementos constitutivos, reais, simbólicos e imaginários, ainda não nominados como *nomes do pai (R. S. I.)*, que o sujeito se efetiva na lida com *o fora* que lhe é antecedente, ao qual ele estava adito, mesmo *cenestesicamente* marcando-o por um *NÃO* agido por subtração, *rejeitando sua escrita*, o que lhe dá existência como *um fora: -1*. Esse *NÃO* constituirá o *ex Real que não cessa de não se escrever*. Aqui, temos o ato nominativo dos elementos *reais, simbólicos e imaginários* que, ao serem nominados *Real, Simbólico e Imaginário (R.S.I.) – sempre no singular já que são categorias lógicas* –, aí o *nome-do-pai* se faz *pai-do-nome e se pluraliza em Nomes-do-Pai*. O próprio ato do achado lacaniano foi surpreendente, já que ele mesmo situava a *trindade* sem se dar conta de que, ao nominá-las como *R.S.I.*, ele mesmo era criador de uma nova criatura nominada.

Temos aí uma homofonia importante, pois em francês o *nome* é homófono ao *não (NOM – NON)*. [Cf. *A terceira*]. É o símbolo que aí opera pela fonética – *la língua* –, que nos permite situá-lo, pois marcado pela *morte*, condição do simbólico, mas que às vezes não opera pela nomação, o que virá a ser a materialidade às vezes parasitária real da *letra*. Assim o significante será a condição para o *Inconsciente* e a letra, seu suporte material, condição para o conceito de *la língua*, que trabalha sob-posta e a determina. *A letra como signo desabona o Inconsciente*, já que não dialetizável, a não ser quando fonada, mas aí ela já será significante. É um *NÃO* como *traço unário*, ao qual é recusado seu caráter de presença paralisante e mortífera e que será tomado, então, pela fonação, como *representante da representação* do processo como um todo que *contém*, tanto em sua função de inclusão como de limite, uma *negação conotando uma afirmação*. A letra será negada pela fonação que a faz significante, mas permanecerá cifrada no inconsciente. Ou seja, é uma *negação*, ou mais precisamente uma *denegação* que preserva o elemento negado como numa *aufhebung*, o qual é *uma negação que é superação, suspensão, conservação e, poderemos acrescentar, uma disjunção como precursora da pulsão de morte como princípio da vida*.

O sujeito a partir de então será embreado pela *negação da denotação – mas... isso não* – a qual esteve *adito*, como se pudesse não mais *ser* o que faltava a esse fora, ao corpo da Mãe, por exemplo. Ele, então, negando ser para ela um complemento, irá *conotá-la* e *conotar-se* como

outro, fazendo-se *eu pelo outro* no *Imaginário* de sua consistência primária, um *eu-corpo-prazer-desprazer*. Ou seja, já que a Mãe não deixa de ser mulher, parasitada ainda por sua função de matriz e geradora d' *A Mulher*, será necessário barrá-la – *A mulher não existe: já que uma mulher poderá ser produzida* –, poderá então ser metaforizada, ou seja, interdita como tal, dando lugar à construção de *uma mulher*, independente do sexo do sujeito. Isso é o que se chama teoricamente de *Nome-do-Pai* (ou *Não-do-Pai* para o *Simbólico* e língua materna para o *Imaginário*). O sujeito então poderá se apropriar da representação em curso, fazendo-a *consistente para si* (seu eu imaginário), ou seja, *conotando-a* de maneira própria à sua inscrição, ao seu modo de proceder, à sua separação, para que escreva seu corpo, seu espírito e seu desejo com condições de lidar com a possibilidade do *ter algo – ter o falo*–, fazendo dele um *dom possível do Outro* e para outros..., já que o *Simbólico* não será mais o denotativo da castração da Mãe nem um apenso ao corpo de um pai. O sujeito aí já será pura linguagem, habitante e habitado por ela. A relação com o tempo e o espaço é a maneira de poder lidar a contento com os obstáculos de sua existência erótica, na dialética do *ser* e do *ter*. Esse momento é sincrônico à aquisição dos pronomes naturais reversivos : *eu, tu e ele*.

No meio do caminho tinha uma pedra, sempre haverá, mas poderá deixar de ser um obstáculo para ser um *degrau*, desde que não nos tomemos como sabichões, pois *os sabichões por mais humildes ou calados que se façam, eles erram*. Podemos então fazer da *pedra* um passo a mais, *já que podemos conotar (metaforizar) uma pedra como pater de um escabelo* e nos servirmos como uma *escada* sem, no entanto, esquecer o que tem ali dentro (*do escabelo*), que *são os enigmas da existência*. São cifras as quais o sujeito, então, com o poder de *conotação*, poderá *empoetá-las*, como se expressou Jacques Lacan no diálogo com Julia Kristeva no seminário *Do Insabido... – L'Insu. Empoetá-las*: fazer delas poesia, conotando-as.

É o que permite ao sujeito ser contado e se contar como *um*, não mais *adito*, mas *desdito* do *Outro*, ocasionalmente a *Mãe*.

Isso só foi possível de ser pensado teoricamente a partir de experiências limites da linguagem de autores como *François Rabelais, James Joyce, Antonin Artaud, Stephane Mallarmé* e inclusive nosso *Guimarães Rosa*, dentre outros, em suas escritas, embaralhadas entre o dizer e o fazer, no jogo do simultâneo e do sucessivo, fusão do Significante e Significado etc, ou seja, quando a língua é a personagem que *faz*, levada ao limite de sua dissolução. *Onde muitos querem mostrar obras só quero expor meu espírito* (Antonin Artaud, In *O umbigo...*). Todos eles trabalham no limite da dissolução da língua, entretanto, lidam com a linguagem de modo diferenciado, permitindo leituras denotativas e conotativas surpreendentes. Tomemos um exemplo de Augusto de Campos tentando *roubar o rubai de fitzgerald para nossa língua: A flor que for logo se vai, flor ida*:

“a *F - L - O - R* que *F - O - R L* -ogo se *V - A - I*, flor *I - D - A*”. Podemos aí sacar que o despentalar é realizado na própria escrita, por onde as letras se destacam como pétalas e a flor se esvai, *flor I D A*.

Aqui vai um lembrete das principais revoluções da linguagem dentre outras que conheço menos e do limite da língua próximo à sua dissolução.

François Rabelais, ou mestre *Alcoffibras Nasier*, faz da linguagem, através da língua francesa arcaica, personagens protéticos gigantescas com palavras, expressões e nomes espirituosos para populacionar o *Novo Mundo* que revolucionou a representação do espaço, abrindo-se para o desconhecido e misterioso e que fora tratado literariamente por seu contemporâneo, o *Santo Tomás Morus*, na *UTOPIA*, através de seu narrador, Itlodeu, um remanescente de Américo Vespúcio. Ele forma com Morus e Erasmo de Rotterdam uma trinca monumental do humanismo nascente do século XVI.

Stephane Mallarmé, que subverte a função da palavra, que, para além de seu dizer, é um fazer que organiza um espaço e um ritmo que abole todo o acaso. O verso se torna uma escultura, no qual em dança as letras e palavras se compõem, figura e fundo se fundem e forma e conteúdo se enlaçam.

Antonin Artaud, elege a palavra para dizer de seu sofrimento e sua dor como se as palavras doessem e sangrassem como seu corpo, fazendo do limite da loucura uma arte e criando uma nova estética teatral. Para ele o corte da orelha por *Van Gogh* nada mais era que uma pintura realizada em seu próprio corpo, como uma pincelada na sua dor e em seu sofrimento.

James Joyce escreve seu *nome próprio* por meio de sua arte, fazendo paliativo à loucura que por vezes o tomava. As palavras e mesmo as letras são personagens que passeiam num ritmo frenético de uma epopéia urbana, num tempo absolutamente comprimido, mas que é ao mesmo tempo a representação do eterno, pois se compõem circularmente, do dia à noite, do *corso* ao *ricorso*, de *riverrun* a *riverrun*.

Guimarães Rosa constrói com uma linguagem toda especial, explorando extensivamente as virtualidades da língua (das línguas), o grande drama humano do bem e do mal, de deus e do diabo, do homem e da mulher na construção do *homem humano*, retratado no que há de mais cru da vivência do Sertão na travessia de Riobaldo para o encontro de seu *nome próprio* e de seu arrimo subjetivo. *Nonada* a *nonada*. Sem esquecer o ainda performativo Manoel de Barros, nosso *fabro* pantaneiro, da corrosão das palavras.

Todos eles têm uma característica em comum, apesar das diferenças de estilo e sintaxe: a palavra diz, faz e realiza, ou seja, ela é *performativa em si mesma*. Se para uns ela realiza em sua literalidade, para outros ela realiza em seu ser metafórico ou metonímico, num realismo fantástico só comparável às grandes epopéias humanas. O que dará sua razão mesmo à psicanálise, onde as palavras ocupam função análoga.

As diversas atribuições linguageiras necessárias à existência do sujeito, tais como *tempo*, *espaço*, *acima*, *abaixo*, *frente*, *trás*, *simultâneo*, *sucessivo*, *denotação*, *conotação*, *condensação*, *deslocamento*, *composição*, *ritmo etc*, serão os emaranhados de funções necessárias para que a lida com a linguagem possa efetivamente produzir o que é fundamental na existência de um contável: a relação *do ser* e do *ter o falo*, inicialmente referido ao desejo da Mãe, que, ao nomear o *Pai* como portador do objeto de seu desejo (Φ), funda-o como puro Nome, essencial ao simbólico.

Aí, as cartas são dadas, a partida se inicia no instante mesmo do ato para que o sujeito possa exercer esse poder absolutamente necessário para seu devir, que toca sobretudo o caráter *denotativo* do que é o objeto *falo para a Mãe*, e o *conotativo*, que permite a construção de *uma mulher*. Ou seja: *Como se subtrair do que fora um adito passivo constitucionalmente por placidez de prematuração? Freud respondeu: - Sim, PERVERSÃO POLIMORFA!* Ou seja, a conotação do objeto do desejo, erótico e sexual, dando condições de lida com os opostos, antitéticos e mesmo paradoxais.

Estudando e traduzindo o texto *Fetichização de um objeto fóbico*, da Revista *Scilicet I*, não assinado, encontrei uma luz surpreendente: *o travestismo*. O texto é um comentário sobre um tratamento exitoso de uma perversão: *trata-se na ocasião de um homem, jovem, que sofre de um pânico fóbico incontrolável diante de um botão de roupa (fobia) e, ao contrário, diante de vários botões ele tem uma atração sexual desmedida, um fetiche, o que o conduz a práticas perversas*. Eis o que nos diz o autor em sua conclusão:

*Evidentemente, já que desde sempre, a questão que ele – o analisante – solucionou assim é esta do Outro, será preciso em sua fantasia que o travesti tenha seu papel onde a vestimenta esconde tanto o que tem ali como o que não pode ali estar.../... “Nós não podemos saber”, é o que preserva o fetiche melhor que a fobia. Devemos completar: “Nós não podemos saber que isso não tem solução”? Sim, se queremos articular claramente a verdade para o que chamamos em nosso meio “o gentil fetiche” – [o travesti] – ele a sustenta renegando [a castração da mãe]. Ele a sustenta [com a fobia] e ela o sustenta [com o fetiche] nos seus estados barrocos – [seus disfarces] – tristemente risíveis”. In *Fetichização de um objeto fóbico*. (Scilicet 1, 1968.)*

A última questão clínica do texto em questão poderá ser resumida assim:

O fetiche constitui o ser do sujeito na sua borda de verdade e a fobia na sua borda de saber. Diante da privação da Mãe, ele se indaga: o que é isso? Não sabendo, por denegação, então desconhecendo, no entanto, para não se abismar, constrói um fetiche. É uma das possibilidades. Essa chamada à invenção é o valor estruturante da Spaltung (divisão, cisão) inaugural do sujeito confrontado com o real impossível da diferença de sexos. Daí deriva o axioma laciano “Não há relação sexual”, que somente seria possível – a relação – se a diferença fosse abolida. Poderíamos dizer, numa linguagem mais coloquial, que o “consolo” de um fetiche em sua verdade (efetividade), compensa o “pânico” da angústia de um objeto fóbico, em seu saber. Ou seja, o sujeito confrontado com a diferença de sexos, considerando que o indexador é o pênis – presença ou ausência – na sua Spaltung fundadora que produz o objeto “petit a” como um resto, na verdade estaria confrontado com uma recusa, pela fuga, como defesa do pânico fóbico, ou senão, com a criação de um fetiche como consolo à castração da Mãe, na impossibilidade de sua negação. Seria isso o que a frase “Nós não podemos saber que isso não tem solução” estaria nos dizendo? Será isso o que nos conduz a outro axioma, agora freudiano, que poderia ser expresso assim: “A sexualidade humana é perversa ou ela não é, ou seja, não existirá”.

Parece evidente que estamos diante de uma maneira derivada de lidar com a castração da Mãe, já que essa poderá ser *denotativa* e *conotativa*, por sermos capazes de metaforização. A leitura aí, a partir do texto *A Denegação*, permite-nos uma abordagem sob uma luz nova de questões clínicas que aparentemente eram insolúveis. Leiamos atentamente o que segue e

veremos que o autor situa um ponto de convergência do *objeto fóbico e do fetiche* no caso do *travestismo*. Vejamos:

O autor afirma então que a figura do *travesti*, situado como referente, pode ou deve estar presente como uma montagem fantasmática, possibilitada talvez pela prematuração original, o que tem como consequência a perversão constitutiva da sexualidade humana como um pressuposto do que efetivamente, já no exercício sexual, poderia permitir a um perverso a subjetivação que lhe dá acesso ao desejo. Isso quer dizer que possa fazer a passagem do que *a privação da Mãe tem de denotativo*, para *uma conotação da privação de uma mulher*, que possa então ser referida *ao falo como significante da falta de objeto*. Mas, o que fora forcluído pontualmente e renegado no âmbito extensivo da *Denegação*?

Pensemos então o que é o travestismo considerado sob esse ângulo. Seria uma busca de suplência, que pudesse *evitar o pânico da fobia* e assegurar *ter um consolo* para suportar a privação da Mãe com o *fetiche* e não se abismar no buraco aberto de seu sexo? Será que a relação do objeto fóbico e do fetiche na lógica *da falta do objeto* não seria a mesma relação entre a *noese* (pânico da fobia) e o *noema* (o objeto fóbico e o fetiche) quando de uma alucinação?

Seria o *agieren freudiano* uma passagem ao ato como forma de construção da realidade, pela via do agir, tal como ocorre na alucinação, uma (re)fundação do sujeito? Haveria aí na efetividade uma renegação e uma forclusão? O que apareceria no real como elemento forcluído seria então escrito no corpo, o qual apagaria a angústia do pânico? Seria A Mãe, ao nomear o Pai como portador do falo, definindo-o então como objeto de seu desejo, o que restaria ao sujeito macho que não acedeu ao próprio desejo? Um pênis degradado? Mas todos sabemos que *o travesti responde em atos*, pois congrega em si, no seu corpo, o *ser* e o *ter* o *falo*. Não se trata de transexualismo.

O que ele – o travesti – vela é o que ele tem, um pênis, apresentando-se como uma mulher, que seria *privada de pênis*, mas que na verdade o que ele produz é uma *mulher/máscara provida de pênis*, ou seja, o *FALO*, para satisfazer a homens que degradaram seu próprio órgão, e que buscam serem penetrados ou penetrarem *uma mulher provida de pênis*. Ou seja, penetram-se, negando a existência da vagina, isto é, da ausência de pênis, já que *ele ali estará ao alcance das mãos* e, estando assim, os pares bem assegurados, aí *não estará o abismo da castração da Mãe*? Qual, de quem e o que é aquele pênis aí denegado?

O achado clínico em *Fetichização de um objeto fóbico* permitiu-me sacar o que vou tentar esboçar: um entendimento para uma possível pesquisa que desenvolverei. Voltemos ao momento originário do sujeito com a *boutade* abaixo de Jacques Lacan:

Primeiro houve a expulsão primária, isto é, o real como externo ao sujeito. Depois, no interior da representação (Vorstellung), constituída pela reprodução (imaginária) da percepção primária, a discriminação da realidade como aquilo que, do objeto dessa percepção primária, não apenas é instaurado como existente para o sujeito, mas pode ser reencontrado [através do representante da representação] (wiedergefunden) no lugar onde este pode apoderar-se dele [no interior da representação]. (J.L)

Imaginemos que leiamos essa citação diferentemente e a situemos assim: primeiro estava o real, o fora absoluto, sem ordem nem lei, externo ao corpo do sujeito. Com o nascimento da representação, o sujeito busca pela alucinação a reprodução da percepção mítica primária. Há aí três tempos distintos: 1. em ato o que foi dado como pressuposto, modulado como *um foi assim*; 2. mas este por sua vez será abordado no *a posteriori*, o que o transforma num *teria sido assim*; 3. mas, se considerarmos isso numa situação transferencial, pela abertura de inscrição no campo e no desejo do Outro, transformar-se-á em perspectiva do *poderá ser assim*, na busca pelo desejo de se apropriar do que efetivamente opera aí e que possa ser próprio para o sujeito. Teremos assim a sentença de Freud modulada por Lacan: *lá onde isso era eu devo advir*.

Temos várias insinuações desse evento de aparecimento pelo real. O *dejà vu*, o *já dito*, certas ilusões, sensações de esquecimento, que buscam, como Proust, o *tempo perdido*, indo até ao que foi chamado de *escotoma* etc. Há um real (*R.*) que estará planando como se quisesse se fazer possível de abordagem (*I. S.*), mas sem nenhuma amarra que o torne efetivo para o sujeito, a não ser *uma certa estranheza*.

Aqui temos mais uma vez a relação *noema noese* quando a relação supostamente causal é substituída por uma intrincada razão que seria dada possivelmente pelo próprio desejo do sujeito. Lacan acrescenta que o sentimento de irrealidade é exatamente o mesmo fenômeno que o sentimento de realidade.

A irrealidade corresponde ao que se chama de formas imemoriais que aparecem no palimpsesto do imaginário na reprodução da percepção primeira, ou seja, mítica, ao passo que o sentimento de realidade se produz no interior do texto simbólico, articulações que faz com que a percepção adquira seu caráter de realidade. (J.L. “Resposta ao comentário de Jean Hippolite”.)

O sentimento, no entanto, não é menos convincente, mas de fato não penetra no imaginário, é inconsistente, o que podemos deduzir que não faz parte do *eu* do sujeito e não participa de seu narcisismo. Esse modo de existência, que Lacan dirá *ek-sistência (ec-sistência)*, implica que, no caso da alucinação, cujo conteúdo é maciçamente simbólico, deva seu aparecimento no real ao fato de que não existe para o sujeito, daí a expressão que é usada: *Nada existe senão na medida em que não existe*. Ou seja, a existência se coloca em registros diferentes e existindo num dado registro deixa de existir noutro, diferente da existência efetiva ou do que está sendo chamado de sentimento de irrealidade e realidade, o que já implica um julgamento narcísico introjetivo. O objeto que *existe* num determinado registro, ele não deixa de ter positividade de sua *ex-sistência* num outro registro, que poderá ser que *ele ali falta*. O que significa postular o lugar vazio, fundamento mesmo da função do sujeito.

(...) pensem no que acontece quando vocês pedem um livro numa biblioteca. Dizem-lhes que não está no seu lugar, ele pode estar bem ao lado, mas, ainda assim, falta em seu lugar (...). (J.L. A relação de objeto.)

No que nos concerne como analistas, no fazer clínico, estamos sempre diante da reiteração desse movimento em devir do sujeito. A postulação surpreendente de Freud, ao situar o nascimento da inteligência na suspensão temporal da passagem da *negação explícita do não a uma afirmação que lhe é implícita*, e cujo modelo topológico temos a dupla volta da cinta de Moëbius, a meu ver, responde às interrogações de uma série de questões clínicas que se tornam

evidentes. Serão então mesmo da ordem da obviedade, pois está no mais simples estilo da prática clínica tal como deduzido do ensino de Lacan. Com efeito, ao precisar a noção de *acting-out*, diferenciando-o de *passagem ao ato*, elevando-os à dignidade de grandes conceitos clínicos, eles permitem então abordar *uma outra forma de existência*, de surgimento pelo real no rastro do trabalho com *A Denegação*, ou seja, na relação do *não denotativo* a um *não conotativo* temos a reiteração desse momento fundador em certos momentos cruciais de uma cura.

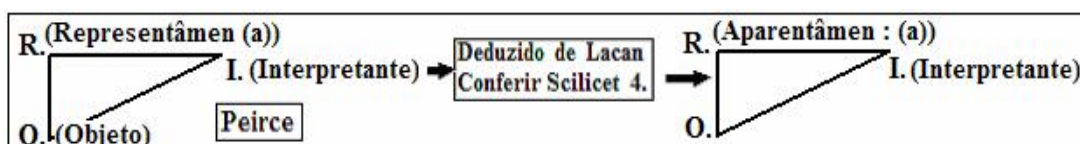
Os procedimentos aventados reproduzem o ato mesmo de produção do sujeito. *Assim a passagem ao ato no curso de uma análise seria uma negação denotativa do tratamento com ruptura; e o acting-out, uma denegação, ou seja, é uma negação conotativa que nega a condução do tratamento, mas que se dá como pedido para que o analista volte a seu lugar. O “livro” continua por ali, mas falta a seu lugar. Trata-se de reencontrá-lo ou reescrevê-lo como um ato renovado, como na (re)petição.* Mas, o que temos aí, na lógica da (re)petição é uma reiteração do surgimento mesmo do sujeito, derivado para um *agir* que é também *subtração* como a rejeição originária. (Cf. *Lettres* 19 da E.F.P., Congresso de Strasbourg).

O *acting-out* então é uma produção inconsciente como um sintoma real da condução de uma análise quando o analista derrapa, faltando assim a seu lugar e função. Ele então *passa ao ato por não cumprir sua função transferencial* e dessa forma cria um obstáculo à fala de seu analisante. Sem o lugar de escuta o analisante não tem a quem endereçar seu dizer. Ele é precipitado no real do *sintoma do analista* e então recorre ao agir para que *ele, o analista*, que não mais é, possa retornar a seu lugar de interpretante na transferência. O *acting-out* será então uma resposta do analisante a uma passagem ao ato do analista, que o envolve no *seu não analisado* e mesmo *não analisável* posto em ato, seja por *ter-se feito sujeito durante a análise, ter desvelado um significante de seu desejo, ou ter feito uma mudança de discurso*. É do real que o analisante se expressa, para não sucumbir, pois o analista retirou-lhe a proteção da fantasia (*I.S.*), tomando-a para si, nela se encapsulando ao se mostrar não mais como puro *semblante do objeto*. Ele, *o analista*, encarna o objeto. O que diz do analista aí nessa passagem ao ato é *o real de seu sintoma à deriva, já que não analisado*. Aí temos efetivamente o processo de corte do surgimento do sujeito e as diversas funções da linguagem. Escutem os analistas que *se autorizam por si mesmos* e constatem os efeitos desastrosos de todo esse processo. Todos são: *objeto a*, encarnados, querem ser *sujeito* e se *comocionam* com uma enorme facilidade como se falassem *com o coração e não com a razão*, já que *não suportam serem semblante do objeto* e insistem em *sua consistência imaginária*. Ou seja, no estilo do vanguardeiro ele faz do que é *contingente* para seu analisante um *necessário*, para o qual ele se oferece como *destinatário e objeto*, ou, quando muito, faz dele *um caso* para confirmar sua consistência. Mas, onde, quando, como o contingente se faz necessário e assim trabalha para o sujeito?

A ruptura de uma relação de tal ordem, que seria de se esperar pelo bom senso e até mesmo pela enorme divulgação da psicanálise, mesmo que vulgarizada, torna-se quase impossível, já que o analisante se torna assim um serviçal de seu analista que será então um *senhor*. No primeiro relato clínico lacaniano ao qual assisti, o analista se desmanchava em lágrimas ao falar de... seu cliente... ou... de seu sintoma? O relato de uma suposta análise era uma exibição quase indecente dos sintomas do analista. Não havia conotação ou metáfora possível, o cliente era realmente o que ele falava, sua história não seria uma *ficção* e o analista era consistente, ou seja, não era um *semblante*, numa negação evidente exposta de forma

exibicionista de um *heroísmo* com a seguinte frase: *Não podemos perder nossa condição de sujeito.*

Numa análise só há *UM SUJEITO*, o analisante que deseja; *UM DISCURSO*, o analítico; e *O DESEJO DO ANALISTA*, que é função da linguagem, que comanda coisa alguma; ocupa apenas o lugar vazio para que o desejo do Outro aí opere. Por isso mesmo o lugar do analista é de puro semblante, a não ser confundido com brincar de faz-de-conta e de aparência, pois é, pela presença do corpo, uma silhueta, ocupando a mesma função do *representâmen* de Peirce, adotado por Lacan, desde 1968, para falar da lógica do significante e do sujeito; para interpretação de seu desejo, poderíamos ousar um neologismo: *APARENTÂMEN*, como representado a seguir :



Se o analista *se faz sujeito* numa análise, o analisante *será anulado*; se ele *desvela seu desejo*, ele *fala como analisante* numa identificação com este; *ao mudar de discurso*, ele será o porta-voz do anátema do discurso analítico, passando à posição *de mestre e senhor da lei, será um impostor*. Mas, sobretudo, ele desenlaça o nó da linguagem. Por isso às vezes o resultado é a defenestração. A mediação do real se esvai, o imaginário e o simbólico se congelam.

Bem-aventurado o analisante que faz seu *acting-out* respondendo às derrapagens de seu analista, senão seria presa de uma trama perversa infindável numa mímica de uma análise que poderia rigorosamente ser chamada de *delírio a dois*, configurado pela neurose de transferência numa verdadeira *psicose passional* de reciprocidade narcísica, na qual *o analisante é colocado na posição de objeto passivo encarnado* – muitas vezes mortificado pelo peso do Real que deve suportar – e *o analista ocupa a posição ativa do olhar do Outro, temido, sem falta, um Real persecutório, quase de horror, onividente, presente e ciente como se fosse o senhor da Lei como um todo que nada lhe escapa*. Aí ele é temido, nem mesmo seu olhar é suportável: é pedra que petrifica o analisante. *Aí já estamos em franca psicose passional, na qual denotação se confunde com conotação no manejo da transferência. O analista de contingente se faz necessário e eterno, não enquanto dure, mas, realmente, já que ele encarna o objeto. O horizonte aí é do crime – lembrar do assassinato do analista da SBPSP – ou do suicídio, se não houver uma anulação pontual do analisante que constitui então a condição sine qua non dessa análise enquanto tal. O que resta ao analisante será então a escolha forçada menos trágica do acting-out como interpretação do analista (e da análise): a borda, o limite de sua condição de sobrevivência subjetiva (como sujeito).*

Atenciosamente, Alduisio.



Alduisio M. de Souza
Psicanalista
Rua Sideral 184/403
51 030 630 - Recife - Pe
Tel : (81) 34 62 53 16
92 82 88 68
almor@superig.com.br

Traço Freudiano Veredas Lacanianas Escola de Psicanálise
www.traco-freudiano.org

Revista Veredas